
ENSINO DE LEITURA EM TURMAS DE EJA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Andreza Paulo Matias
Andre_zapaula@hotmail.com
Sandra Barbosa Barros Lima
Sb-lima1964@boll.com.br
Zuleide Maria de A. S. Guimarães
Zuleidearruda@yahoo.com.br

Introdução

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa realizada com professores da EJA na Escola Municipal de Ensino Fundamental Euflaudizia Rodrigues, situada no município de Boqueirão - PB. Para tanto, tivemos o objetivo de obter uma visão panorâmica da concepção de leitura que os professores têm e como estes trabalham a leitura, nas salas de aula, tendo em vista que muitos educadores tiveram contato com as propostas de ensino com a leitura mais atualizadas, mas permanecem defendendo as “velhas” técnicas tradicionais como uma “receita pronta e acabada” e ainda dizem que assim os alunos aprendem, pois estão lendo e posteriormente escrevem baseando-se no que leram.

Ler, não é apenas passar os olhos em algo escrito, tampouco decodificar letras, palavras, mas sim garantir um espaço na sociedade para a interação sistemática com a informação voltada para o cotidiano, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e leitores proficientes na construção e reconstrução de novos conhecimentos.

Para discutir essa problemática, entrevistamos duas professoras: que denominamos de professora “A” e de professora “B” na escola em foco. Estas, lecionam a disciplina de Língua Portuguesa nas quatro séries do segundo segmento do ensino fundamental na modalidade EJA. As perguntas da entrevista estavam voltadas a concepção da leitura e aos instrumentos por elas utilizados. Para a transcrição das entrevistas, não seguimos com tanto rigor as normas de conversação, mas registramos com cautela as falas retratadas por elas. Para discutirmos essas questões, nos respaldamos nas teorias de aprendizagem da leitura, bem como nas teorias de mediação, (KLEIMAN, 1998; 1995), (FREIRE, 1988), (DRUMONND, 1999), (SOLÉ, 1998), (MARCUSHI, 2002), (MARTINS, 2003), (KOCH, 2002). Nesse contexto, discutem-se as concepções da importância da leitura apresentadas pelas

professoras e a adequação ou não dos instrumentos utilizados por elas. Porém, os dados analisados nos mostraram um certo apego com um ensino ainda voltadas nas práticas tradicionais.

Nesse estudo, apresentam-se a seguir: A Leitura e o conhecimento prévio do aluno da EJA; A leitura por prazer; A variedade de gêneros na leitura do jovem e adulto; A análise dos dados e as Considerações finais.

1. Trajetória da EJA no Brasil.

A partir dos anos 60, fundamentada no pensamento de Paulo Freire, com sua proposta para a alfabetização de adultos, é instaurado no Brasil os principais programas de alfabetização do país e em 1964 acontece a aprovação do Plano Nacional de Alfabetização, que previa a disseminação por todo o Brasil, de programas de alfabetização orientados pela proposta de Paulo Freire. Essa proposta foi interrompida com o Golpe Militar e seus promotores foram duramente reprimidos. No ano de 1967 o governo assume o controle dos Programas de Alfabetização de Adultos, tornando-os assistencialistas e conservadores. Nesse período lançou o MOBREAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização. Dois anos depois é lançada no País uma Campanha Massiva de Alfabetização

Em 1989 nasce o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (Mova), em São Paulo, durante a gestão de Paulo Freire na Secretaria de Educação do município. Nesse mesmo ano, o movimento se baseia num modelo de política pública de alfabetização de jovens e adultos que integra governo e organizações da sociedade civil e inspira outras administrações (cerca de 20 cidades, em cinco estados).

No ano de 2000 sob a coordenação do Conselheiro Carlos Roberto Jamil Cury, é aprovado o Parecer nº 11/2000 – CEB/CNE, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Também foi homologada a Resolução nº 01/00 – CNE. Em Mato Grosso, foi homologada a Resolução nº 180/2000 – CEE/MT, que aprovou o Programa de EJA para as escolas do Estado, a partir de 2002. Por fim, em 2008 a EJA deixa de ser programa e passa a ser ensino fundamental na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, o que facilita a sua efetivação nos

estados e municípios. Ainda no ano de 2008 houve a VI CONFINTEA que aconteceu no Brasil em 2009, na capital do estado do Pará.

1. A Leitura e o conhecimento prévio do aluno da EJA

A leitura é um dos elementos fundamentais no processo de aprendizagem dos indivíduos. O ato de ler não significa apenas saber algumas palavras, frases, codificar e decodificar palavras, “*não que a leitura de palavras e de sua escrita em si próprias, como se lê-las e escrevê-las não implicasse uma outra leitura, prévia e concomitante àquela, mas a leitura da realidade mesma*” (FREIRE, 1988, p.25). Esse processo proporciona ao aluno a oportunidade de ampliar e aprimorar sua competência lingüística e comunicativa para se adaptar a sociedade, tornando-se uma pessoa crítica e analítica. No entanto, aprender a ler é um processo cognitivo, mas também uma atividade social e cultural, essencial para a criação de vínculos entre cultura e conhecimento.

É comum nas escolas as pessoas sempre mencionarem que “não gostam de ler”. Essa frase pode estar relacionada a maneira de como se dar o processo de ensino da leitura na sala de aula. A leitura muitas vezes é apresentada ao aluno como forma de cumprir uma exigência do professor, que por sua vez, tem o objetivo de atribuir uma nota para a realização dessa atividade. Logo, vê-se claramente que a escola não preocupa-se tanto com a formação de leitores mas, apenas com a formação de “letores”.

No viés da leitura, não é válido falar em “ensinar” ou “aprender”, mas em “mediar”, “apresentar”, “auxiliar” e “instigar”, porque é assim que o indivíduo ver sentido na leitura. A escola é a grande porta-voz para promover as habilidades de leitura nos educando/a(s), as quais vão muito além de uma simples decodificação, para que se possa compreender o texto lido. Pois, como já dizia (SOLÉ, 1998, p.18), a leitura é um processo em que “*o leitor é um sujeito que processa o texto e lhe proporciona seus conhecimentos, experiências e esquemas prévios.*”

Os modelos cognitivistas de leitura condenam a leitura praticada apenas como decodificadora. Eles buscam propor maneiras em que o autor e o leitor devem construir juntos o sentido do texto. É preciso ter em mente que o significado do texto não está, apenas, nele. Ele depende das condições de leitura e do leitor. Logo, o professor deve

promover aulas dinâmicas, visando a preparação da aprendizagem da leitura com propostas inovadoras, valorizando as opiniões e gostos dos alunos. Com isso, o ato de ler ultrapassa a simples e “velha” decodificação. Segundo Angela Kleiman (1998, p. 82), “*as práticas de leitura como decodificação não modificam em nada a visão de mundo do leitor, pois se trata apenas de automatismos de identificação e pareamento das palavras do texto com as palavras idênticas em uma pergunta ou comentário*”.

A política de ensino aprendizagem da leitura na escola deve fazer com que o aluno aprenda o que ainda não sabe, pois ler o mundo ele já sabe, ou seja ele já traz um conhecimento prévio quando chega aos bancos escolares. Porém, desconhece a leitura da palavra, mas não é ensinando a palavra isolada que o indivíduo se apropria de forma eficiente da leitura. Portanto, a instituição escolar precisa ensinar ao aluno a forma adequada de usar a palavra, ou seja, a palavra deve ser refletida no seu contexto, pois ela pode transformá-lo, dar uma nova roupagem na consciência e na forma de refletir sobre a sua realidade e a maneira de agir sobre ela. Como afirma Koch (2002, 160), “a atividade de interpretação do texto deve sempre fundar-se na suposição de que o produtor tem determinadas intenções e de que uma compreensão adequada exige, justamente, a captação dessas intenções por parte de quem lê: é preciso compreender-se o querer dizer como um querer fazer.”

Segundo Paulo Freire (1988), para tornar os alunos bons leitores, ampliar suas histórias de leitura e desenvolver o compromisso com a leitura, a escola terá de mobilizá-los. Se o objetivo maior da escola é desenvolver uma leitura prazerosa, necessariamente, a iniciativa deve partir dos professores, mostrando o prazer que sentem ao ler. Pois, para se formar bons leitores, é preciso o educador ter paixão pela leitura (Kleiman, 1998).

Os trabalhos acerca do conhecimento prévio, está classificado, segundo Kleiman (1995) em três tipos de conhecimentos adquiridos e utilizados na leitura: o linguístico, o textual e o de mundo. Todos esses conhecimentos vão se acumulando em nossa memória semântica durante as leituras realizadas ao longo da vida, possibilitando assim uma interação entre os saberes que o indivíduo traz e as informações obtidas no texto.

3. A variedade de gêneros textuais na leitura do jovem e adulto

Atualmente circulam na sociedade uma gama de diferentes textos que até então não eram bem explorados nas escolas, a estes denominamos de gêneros textuais. Estes fazem relação com as necessidades e atividades socioculturais existentes num dado momento histórico. É válido lembrar que essa nova modalidade não é, apenas, um modismo, mas uma maneira de enriquecer os estudos da linguagem. Assim, por exemplo, a sociedade criou um e-mail, que hoje cumpre, em determinadas esferas, uma função antes atribuída às cartas. Colocar os alunos em contato com uma grande variedade de gêneros textuais, observando e analisando suas características específicas, é fundamental para a formação do leitor e produtor de textos competente.

Segundo Marcuschi (2002.p.29) “os gêneros não são entidades naturais como as borboletas, as pedras, os rios e as estrelas, mas artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano”.(MARCUSCHI, 2002.p.29)

Indubitavelmente, dizemos, portanto, que a importância dos gêneros textuais na formação de leitores e escritores, é, sobretudo, um trabalho fundamental para ser desenvolvido em sala de aula, pois essa prática aumenta a bagagem cultural dos alunos como também contribuem para compreender que todos os textos foram feitos por alguém e que eles (alunos), escritores, usuários da língua escrita, também podem produzir textos com finalidades diversas e para leitores diversos.

A crônica, como texto jornalístico, pode ser um dos gêneros trabalhados em sala de aula, pois possibilita o entretenimento e a reflexão de situações do cotidiano. Geralmente encontramos em jornais ou então na última página das revistas. Mas, como esses suportes, em geral, duram apenas um dia, muitas vezes as crônicas neles apresentadas são esquecidas pelo leitor. Mas, como já dizia Drummond (1999), os fatos podem até perder a atualidade, mas a crônica não perde.

Por ser um gênero atrativo, despretensioso, de fácil linguagem e que está voltado para situações corriqueiras das pessoas, é que torna a leitura mais próxima de seus leitores, os quais terão a capacidade de reenxergar coisas belas e grandiosas com pequenos detalhes do cotidiano que costumam passar despercebidos, ou seja, a crônica permite que o leitor a perceba na força dos seus próprios valores.

Nas palavras de Martins (2003), aprendemos a ler a partir do nosso contexto pessoal e precisamos valorizá-lo para que possamos ir além. Logo, se a leitura partir dos conhecimentos que o aluno traz para a escola, para ampliá-los, conseqüentemente,

poderá sair do “casulo” um cidadão participativo, munido de uma criticidade mais aprimorada para atuar na sociedade em que está inserido.

4. ANÁLISE DOS DADOS

A partir dos dados coletados, junto a entrevista das duas professoras entrevistadas, analisamos a priori a concepção dos professores sobre a leitura e à metodologia adequada para viabilizá-la.

Na oportunidade, percebemos que mesmo fazendo uso dos gêneros jornalísticos voltado à realidade dos alunos, os docentes desencadeiam uma prática pedagógica impregnada de um certo tradicionalismo que torna enfadonha a aula de leitura.

As professoras, nos seus depoimentos, demonstraram que entendem a leitura como ato que promove a formação de verdadeiros leitores, porém precisam atentar para o fato de que além de ter consciência da importância da leitura, eles necessitam colocá-la em prática nas suas aulas. Com isso, os alunos munidos dessa prática, poderão atuar na sociedade, de forma consciente. Também percebemos na declaração de ambas, que a leitura é uma habilidade útil à vida social. Essa deve ser a função da leitura, fazer uma ponte de texto escrito com a vida real dos educandos numa perspectiva de transformar o ato de ler numa prática social. Além disso, elas apontam que é essencial o trabalho com os gêneros textuais, principalmente os jornalísticos, mas pecam quando, principalmente a professora B, que deixou mais claro, quando mostra muito compromisso da parte dos

alunos depois da leitura. Logo, torna-se algo enfadonho para os alunos, principalmente da EJA, pois muitos trabalham o dia inteiro e já estão cansados. Ao se depararem com essa escala de atividades fazem pelo compromisso de receber um “visto”, deixando assim, a essência da leitura. Sabemos que os alunos precisam acrescentar ao conhecimento que já trazem para escola outras informações, mas é preciso ser trabalhado de forma mais dinâmica, sem todo esse “ritual”: leitura (silenciosa, compartilhada, coletiva), interpretação do texto e por fim a produção textual, ou melhor é importante desenvolver o hábito da leitura sem muitas cobranças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a análise dos dados, em detrimento com as teorias apresentadas, concluímos é de suma importância que o professor promova nas suas aulas momentos prazerosos, evidenciando, principalmente, a leitura com seus alunos, mas não aquela leitura decodificada, em que os alunos apenas decodificam as palavras, deixando de lado o sentido do todo. É preciso promover a leitura que tenha algum significado, pois assim será mais interessante adotar o hábito de ler constantemente. Com isso, veremos então, a formação de leitores proficientes, prontos para contribuir por uma sociedade mais justa para todos. Pois, se persistir o ensino baseado apenas nas normas tradicionais, aquele que abafa o talento, gera aversão ao hábito de ler, que tanto nos faz sonhar, viajar, imaginar, criticar, posicionar-se, argumentar....

Nesse contexto, vemos a necessidade de investirmos mais na formação do professor para que este consiga colocar a teoria em prática e assim proporcionar

momentos de leitura prazerosos, considerando o conhecimento prévio do aluno e fazendo uso dos gêneros textuais que circulam na sociedade.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Uma prosa (inédita) com Carlos Drummond de Andrade**. *Caros Amigos*. São Paulo, nº 29, p. 12-15, agosto, 1999.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor – aspectos cognitivos da leitura*. Campinas/São Paulo, Pontes, 1995.

_____. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas/São Paulo, Pontes, 1998.

KOCH, Ingedore V. *Argumentação e linguagem*. 7ª. ed. São Paulo, Cortez, 2002

MARCUSHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade**. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 2003

SEDUC- **Linhas Políticas da Educação de Jovens e Adultos “O Direito dos Cidadãos a Educação Básica de Qualidade”** – MT, 2002

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.